

AUTO-
RETRATO

Poesias
1989-1990



Copyright © José Manuel da Silva
1990 – Rio de Janeiro, R.J., Brasil

Índice

LA POESIE DE L'AMOUR	3
HORS D'OEUVRE	4
LE RÊVE	5
CONTRA A CORRENTE	6
AMOR DESESPERADO	7
TRADUÇÃO	8
UM EU PERDIDO	9
SOLIDÃO	10
O SIM	11
ODE À GUERRA	12
O SOPRO	13
UM BREVE RESUMO DO UNIVERSO	14
I WEPT	15
TRIÂNGULO	16
QUALQUER COISA	17
A CARNE	18
DEUS E O DIABO	19
DA RIMA	20
BUSCANDO DE NOVO	21
ENQUANTO OS TEMAS SE REPETEM	23
RITA	24
DESEJO DE ANO NOVO	25
PARA O MAR DA ILHA GRANDE	26
POR LEMBRAR DE TI	29
UMA VONTADE	30
ÀS VEZES	31
TRECHOS DE UM POEMA SEM FIM	32
O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA	38
DE IMPROVISO	40
POEMA DO OUTRO LADO DO MURO	41
DESABAFADO	43
EU, PECADOR... ..	45
ORAÇÃO	46
POST MORTEM	47
POEMA MÓRBIDO À TRISTEZA; POEMA SÓ DA INCERTEZA	49
THANK GOD	51
PARA NÃO CALAR	52
COTIDIANO	55
NÃO SEI	56
QUADROS	57
ADEUS	58

LA POESIE DE L'AMOUR
(mon premier poème en français)

Tu es étrangement délicieuse
Comme une fleur heureuse
Un sentiment d'autrefois
Déjà oublié
Un christ ressuscité
En pâté de foie gras
La philosophie de l'amour
N'existe pas
Cependant, tous les amoureux du monde
L'imaginent et la recherchent
Comme nous...
Mais nous savons
Nous connaissons
La vanité de cet effort
Sa ressemblance avec la mort
C'est pourquoi nous nous aimons
Parce que nous touchons le fond
Et peut-être...

Rio, 1989.

Copyright

HORS D'OEUVRE

Je veux te connaître
 (dans toi même)
Avoir plus qu'un rêve,
 une douzaine.
Comme le jour n'attend pas par la nuit
Je suis là même si la vie ne vaut pas la peine.
Ta figure, une pensée au dehors de moi
Quand tu es, le silence est bruit.
Allez
Pensée
Lui dire
De venir
Et puis
Dites-lui
Que les choses
Et les roses
Seront mortes
Si elle sort.

Rio, 1989.

Copyright

LE RÊVE
(pour Schubert)

Je t'aime pour que je sois heureux
Mais je ne pense pas à moi
Ce n'est que la loi
Il faut que tu m'aimes en me lisant
Et mes yeux te diront ce que je sens
Et ce que je sens
C'est seulement,
Malheureusement,
La peine de trop t'aimer
Plus tôt ou plus tard
Tant pis,
Mon lit
Est désolé
De ne pas voir tes cheveux
Qu'est-ce que je peux faire ?
Il faut me taire, mais...
Il faut que tu m'aimes aussi
Comme je t'ai déjà dit
Parce que je suis petit
Et quand ta voix me touche
En regardant mes lèvres
En parlant de tes peurs
Tout près de mon coeur
Je ne sais pas pourquoi
Mais je suis heureux
De rêver que j'ai une partie de toi.

(après avoir écouté le rêve d'amour de Schubert)
Rio, 1989.

CONTRA A CORRENTE

E veio a morte e disse ao homem: vai.
 E veio o homem e disse à morte: sai.
 Homem valente, vida ardente;
 Morte eloquente, certeza premente.

E veio a morte em seu pedido insistente;
 E veio o homem com seu medo ausente.
 Homem de fibra, de ânsia de vida;
 Morte pedante, de fim de partida.

Num parco interlúdio disse o homem à morte:
 Por que não te arredas e me deixas à sorte?
 Num uivo absurdo disse a morte ao varão:
 Te sabes fadado no impossível do não.

Em meio à disputa, no ardor da tal luta
 Um homem demora, à recusa da hora;
 Do lado do sonho, chamado bisonho
 A morte impaciente, com a urgência inerente.

Agarrado a um credo, a um lar ou trabalho
 A feroz resistência, na manga o ás do baralho;
 Tão segura de si, asquerosa, a cobra
 Se retorce no riso, em tão bela manobra.

Lá se vai mais um tempo, um minuto perdido
 Pois que este não para ao gemido parido;
 Aproxima-se o ganho, o final da batalha
 Mas há coisa no ar, resistindo à mortalha.

E veio o homem com um sorriso raivoso
 Dizendo à morte em tom bem odioso;
 Eu que sou petulante, já te espero acalmado
 Sem te dar o prazer de me teres calado.

Petulante sou eu que te aguardo segura
 Espectadora de tua vã resistência,
 Disse-lhe a morte com fingida doçura —
 Até que reconheças tua mortal impotência.

E aplaca-se a morte com mais um'alma que sobe,
 Sem ter visto que aqui não se cabia esnobe;
 Pois que perde o homem essa guerra incoerente,
 Eternizado, porém, no nado contra a corrente.

Rio, 1989.

AMOR DESESPERADO

Não quero amar
Por tempo muito prolongado
Pra não gastar
O meu amor desesperado.

Doçura — fazer em pé amor largado
Quentura — pensar depois no acabado
Dormir com o que mais o ser consome
É pedir que com sonhar se mate a fome.

Ah! esperança de um sentimento tolo
Tua beleza que não me dá consolo
Ah! presença de tua ausência — dói
Que me acompanha e quase me destrói.

Rio, 1989.

Copyright

TRADUÇÃO

My sex is in my brains
My love is in my veins
Duality rules life
Mortality her wife.
A man in his home forlorn
A woman who fights a lost battle
Words conveying but scorn
All mind-storms that never do settle.

Numa boate qualquer
Comendo purê de batatas
Pensando numa mulher
Nua em uma cascata.
A vida que foi e não volta
Um cinto de castidade
A folha que do galho se solta
Em eterna dualidade.

Rio, 1989.

Copyright

UM EU PERDIDO

Já me deitei com muitos homens
Já até me senti orvalhar
E no entanto estou aqui
Devo dizer: sobrevivi.

De vida e morte pouco sei
De amor e ódio me molhei
E no entanto sou ninguém
Embora seja eu também.

Bom, já me vou
Eu que sou má
O pólen reprovável da sociedade
O recipiente catártico do apedrejador
O reduto implacável de o outro a dor
E no entanto estou nas casas e nas donas
E nos senhores que idolatram as matronas.

Rio, 1989.

Copyright

SOLIDÃO

Sou só
Nasci só
E morrerei só!
Sou um exemplo
Da solidão inerente ao ser humano;
Às vezes acompanhada
Às vezes compartilhada
Outras vezes complementada
Mas essencialmente solidão
Queiram os senhores ou não.
A solidão disfarçada
Sublimada e tão negada
A solidão-lição
A solidão-ensino
A solidão feliz
Do teu desatino.
Mas peculiar é minha solidão
Que se faz acompanhar da inspiração
Da inspiração do só
Que de tão só se autopreenche.
Um fungo benigno prolifera no espaço
Inspira e termina o poema de aço
O só de sozinho
O nó do espinho
O alvor do tição
O sim da negação
São os contrastes do só
Do aguaceiro e do pó
Solidão-plenitude
Que da rima se ri
Um dever masoquista
De ser só um momento
Elaborar no papel
A solidão-pensamento.

(escrito a caminho do casamento da Liza)

Rio, 1989.

O SIM

Não sei por que um casamento me deprime
Talvez pela falsidade dos templos
Dos tempos,
Ou pela virgindade santificada.
Hipocrisia plausível
Honestidade sofrível
Pela frustração em reduto
E os pecados em indulto.
Choro pelos noivos, não por mim
Desejando felicidades
E que não pensem tanto assim.
O sacramento de cristo
Na maldição de mefisto.
Choro pela música ambiente
Mas não pelos sorrisos ardentes.
Choro pelos noivos, não por mim
— pelo aroma do jasmim
Emocionado pelo altar
Sai um soluço afogado no amargo desesperar
De ainda chorar pelos noivos, não por mim
— pela assistência que aprova o sim.
Sorrio pelos noivos, não por mim
Desejando felicidades
E que não deixem ofuscar-se o cetim.

(escrito durante o casamento da Liza)

Rio, 1989.

ODE À GUERRA

Só mesmo um artista
Ou um ser altruísta
Para sentir o medo
Ao descobrir o segredo
Para temer a guerra ao ler a História
E comparar a derrota e a vitória
Ao constatar o declínio
E o morticínio
Só mesmo um artista
Para ver no presente
O possível futuro
E ver no claro
O terror do escuro
É quando sente o perigo da escravidão
De um idolatrar exagerado beirando a servidão
É aí que o artista cria
Engajado em se mostrar de valia
Por isso obrigado a vocês
Que sem medo escarneceram do medo
Que com coragem tiveram a coragem
De escarrar na boca da morte
Que não os confundam com os senhores da guerra
Que com a vida dos outros compraram a glória,
Mas isso já é outra História.

Rio, 1989.

O SOPRO

Foi um momento anímico
Um poema ideal
Um detalhe sísmico
Do afã existencial.

Foi uma ideia inescrevível
Um senão imperecível
Um se frustrar interior
Do impoder ser o leitor.

Foi tudo tão correndo
Uma espécie de crescendo
Pra acabar no esgotamento
De indizer o pensamento.

Rio, 1989.

Copyright

UM BREVE RESUMO DO UNIVERSO

Será que o que escrevo é o que sinto
Ou sou poeta do que invento enquanto minto?
É uma dúvida como a dúvida da existência
Que corrompe, que corrói e que me excita
Que interrompe, que me dói e que explicita
Mas que passa, deixa a marca e não fica.

Será que escrevo exatamente o que sinto
Ou sou influído por ideias que então minto?
Há que se expor à reflexão do que se pensa
Pois do pássaro o poeta tem a asa
O indelével tem matizes do infinito
E o eterno se introduz no que fremito.

Será que escrevo a partir disto que sinto
Ou só sinto a partir de quando minto?
Ah! poesia que me deixa combalido
Com o da vida um gosto estranho do latido
Sem parar me perderia elucubrando
Sem rimar me assombraria poetando.

Será que escrevo e na verdade não me sinto
E perdoado estou por ser isto que minto?
Já não sei bem o que pensar em meu dilema
Se sou eu mesmo ou o ser que emerge do poema
Deixo a vocês como presente o vão orgulho
De admitir que sou da arte o são entulho.

Se sou o que sinto enquanto minto
Ou o que minto enquanto sinto
Não vem ao caso, não chega a ser tão necessário
Seria a tola explicação para um bebê no campanário.
Bem, uma poesia é enfim um breve resumo do universo
Rimar ou não por um momento o factual com o adverso.
Um retalhar do mundo inteiro
Um dezoitavo sem primeiro.
Pra dizer que a poesia é tudo ou nada
Um desleixar, um arrumar, um todo, um cada
A imensidão
Ou não.

Rio, 1989.

I WEPT

And so I wept
And wept and wept
And then I wept
And weep did I.
When I saw the silver lightning
Laugh at me and say goodbye.

Rio, 1989.

Copyright

TRIÂNGULO

Meu amigo,
Amo a sua dor
E
Lamento dizê-lo
Seu amor.

Meu amigo,
Muito me dói
O seu amor
E
Não me comove
O seu temor.

Meu amigo,
Não amo
O seu amor
Mas
Admiro
Lá de dentro
A sua dor.

Rio, 1989.

Copyright

QUALQUER COISA

Há qualquer coisa de tenso no meu ar
Um cheiro do gosto de medo
O atravanco do acordar muito cedo
A palavra de Deus no Diabo
O preconceito de não ter preconceitos
O segredo de ter vários respeitos
O pensamento não me deixa ainda que o faça o alento
A vida me persegue e me penetra mente adentro
E por isso me constato
Que há qualquer coisa de erótico em teu ar
Algo de falta que se busca a completar
Um tal recorte da abrangência a gozar
O gozo rápido e aberto
Do arquétipo incompleto
E por isso desespero
Pois há qualquer coisa de um susto em nosso ar
A qualquer coisa que é eterna do partir pra não chegar.

Rio, 1989.

Copyright

A CARNE

É, eu sei que te interessa
Mas não esquenta, isso acontece
A carne é fraca
E apetece.

Rio, 1989.

Copyright

DEUS E O DIABO

Sou o Mozart do subúrbio
O intelectual estapafúrdio
Que rima a vida com cachaça
E o sucesso com a desgraça
Que escreve o não-ser
Do que quer aparecer
E a música me assola
Em prelúdios e me isola
Aqui está o que eu sou
Para vocês que não conhecem
Sou o diabo do bom deus
E os horrores que enternecem.

Rio, 1989.

Copyright

DA RIMA

É impressionante como é vão
O pensamento aluvião
Minha vida é indecisão
Entre o meu sim e o teu não.

Pois que se vive o não viver
E se pensa o não morrer
Sou uma voz de flauta doce
Que não tocada o vento trouxe.

Aqui

e lá.

o paraíso
do siso
o fogo
do engodo

Se escrevo não sou eu
E se apelo o rei morreu
Rimar é destruir o que de bom a rima tem
A mente, esperta, fala ao corpo
E ao coração também.

Por isso
Que desgraça
Viver a vida
Enquanto o tempo passa.

Rio, 1989.

Copyright

BUSCANDO DE NOVO

Queria escrever algo de novo
 Algo inovatório
 Que ninguém tivesse ousado dizer
 O criativo, o belo ou o re-novo
 Me condeno e me desprezo
 Com o apressado julgamento
 Que me dá o mundo
 De minha repetitividade
 Sem nem saber se tal julgamento existe
 Rimar sem rimas já não é novo
 Nem tampouco falar da casca do ovo
 Desprezar o metro já foi feito
 Assim como pôr ou tirar o amante do leito
 Rezar e parodiar, satirizar e pedestalizar
 Já são technicalidades ultrapassadas
 Até o riso já não faz rir
 Nem brincar de entrar e sair

A sequência de um pensamento inacabado porque pensado continuamente em forma de expressão seguidamente interligada por ideias vazias ou cheias ideias essas elucidativas do que se passa no mais interno do ser do poeta que não é o poeta talvez um eu inexplicado e inencontrado que se arvora a ser quem não é mas que diz o que diz por não ser o não-ser da filosofia oriento-ocidentalizada miscelânea de rios e mais rios de coisas que perpassam pelo cérebro esgotado a esta hora já avançada no lugar comum de uma noite monótona excitada e sem fim porque sem começo que lembra einstein ou coisa parecida já é velha

Como é velho o querer ser novo
 Pois é velho o mundo
 Meu jovem raimundo
 Queria a originalidade
 Do amor de dois meios superpostos
 Lutaria horrores por uma palavra de alento
 Num planeta sem portento
 Que jamais tivesse sido dita
 Ou pelo enpassant
 Do provérbio da palavra anã
 Não sei o que é poesia
 Pois não conheço o que é criar
 Mas se criar é isso
 E viver é só sentir
 Queria ser inédito no dizer das coisas
 Sem a compulsão de reescrever a história
 Embasbacado me coloco
 Com a pena a deslizar
 Por folhas e mais folhas

A procurar essa maldita novidade
Que me transporte à posteridade
Que jamais alcançarei
Porque o mundo já cresceu
E também envelheceu
Tudo a ser dito já o foi
A depressão matou o boi
Tudo que era novo já não é
Já é samba até a Arca de Noé
Queria mas não posso
Ser novo entre tanta velharia
Entre o já-visto-dito da poesia
Estou amando pela errésima vez
Amanhã janto o jantar número mil
Conquistei a última conquista
Tantas vezes que esqueci
Qual foi a última e a melhor
Já olhei demais ao meu redor
Enfim não mais posso falar
Escrever ou ver sequer
O meu novo tão querido
Tão desejado e desgarrido
Tudo o que disse já foi dito e repetido
Exceto que a vida é do sentido
O eterno procurar
Ainda que no velho se precise
Outra vez se mergulhar
Pra acabar com a hemoptise
Que também já não é nova
Uma vez que já foi trova

O rio deságua
Aonde não sei
O riso da mágoa
Eu temperei
No fundo se verte
O velho de novo
Se cura a peste
Com a indolência do estorvo

E no entanto
Queria uma novidade contar
Ainda que fosse uma estrela a brilhar
Ou um zebu no pomar.

Rio, 1989.

ENQUANTO OS TEMAS SE REPETEM

A arte não é, sendo
Não tem nada de mais, tendo
E fim.
Taí a inspiração
Que é, não sendo
Que pode vir da mente
Ou até do coração
E fim.
De novo.
O que prova que o fim não tem um fim
O que prova que o fim tem dois começos
O que prova que o fim tem mais de um fim
Sei lá
Por que não sei cá?
Coisas das palavras
Outra vez.
Enquanto os temas se repetem
E as palavras se transvestem...
Rir no fundo é olhar o mundo invertido
E concluir que está do avesso
Tudo o mais é a festa das palavras
Na suruba do som e da cor
Ou seja lá o que for!
São só frases que aparecem
Enquanto os temas se repetem...

Rio, 1989.

RITA

Rita que me excita
Rita que me irrita
Rita minha fruta favorita.

Rita uma mulher
Rita uma menina
Rita quero ser a tua sina.

Se tudo acabar
Não faça como eu
Não fique aflita
Meu amor
Serás sempre a minha Rita.

Rita Rita Rita
Pois não canso de chamar
Tua boca é mais bonita
Tão perdida a me beijar.

Rita que me ri
Rita minha num segundo
Rita nosso amor é de outro mundo.

Rita minha praia
Rita meu enorme grão de areia
Rita se eu pudesse...
Meiga e bela — uma sereia
No verão a minha ceia
Sou no inverno a tua meia.

Rio, 1989.

DESEJO DE ANO NOVO

Tirei férias de pensar
Não quero ser eu mesmo por uns tempos
Quero ser um qualquer um
E ser despercebido pelas gentes
Vou ver um pouco o mundo só por ver
Sem o compromisso do eterno refletir
Quero estar morto vivo por instantes
Longe do atribulado analisar que me é constante
Enfim vou ser alguém que não conheço por un rato
E ver como é o mundo do outro lado
Oh não, um pensamento aconteceu
Quiçá foi a vingança do judeu
E aqui estou de novo a elucubrar
Um maldito raciocínio a atormentar
O meu estado já imune ao esquecimento
Um latifúndio confinado ao pensamento.

Rio, 1989.

Copyright

PARA O MAR DA ILHA GRANDE

Aqui tem mar
Em mim também
O mar diz ai
Eu digo amém.
Uma avalanche em pleno mar
Uma mulher um peito a arfar
Incoerências desta vida
Um homem perde a partida
Aqui tem mar
Em mim a estrada
O mar diz sou
Eu digo nada.

*

De tanto mar virei poeta
De tanta coisa errada e certa
Catando conchas lá na praia
Segura o mar antes que caia.

Ardor e fé o sol me traz
Candor até no céu se faz
Não sei, o mar me deixa louco
Por ter o tanto e eu o pouco.

Falo do mar falo do azul
Falo do norte e não do sul
Indo e voltando o mar me ilude
Como secar dentro do açude
O amor se evade e eu não desisto
Sou da procura o Jesus Cristo.

*

Vai que o mar te espera
Vai e lambe essa quimera
Ouve o som da cor da brisa
Vai e torna poetisa.

O divino não existe
É inútil procurar
Pois o riso tem no chiste
A dor do choro deste mar.

Aqui e lá só há o mar
O sal o céu e a solidão
E no entanto a completude

Então pra que tanto amargar
Pensar em si já é perdão
Como lembrar, solicitude.

*

O mar me deu
O mar me tira
Um vai-e-vem sensual da natureza
Tessão infindo
Que no gelo faz amor
E que excita o meu calor
O mar entrou
E já saiu
Como em ela o eu viril
Da natureza o meu pecado
A maresia e um recado
O sal do corpo quando seca
Um mar de sal do amor que peca.

*

Não é o mar que escorre em mim
Nenhuma força é forte assim
É qualquer coisa diferente
A registrar sua patente
A luz do sol que se reflete
Em ti em mim e se repete
O mar o sol o céu a areia
O pensamento na sereia
O céu o sol o entardecer
O dia que já vai morrer
Você um beijo irradiado
No corpo o gosto de queimado
Em conchas sopra amor sem fim
No mar teu pensamento em mim.

*

O mar me fez uma desfeita
Fingiu ser a coisa mais perfeita
O sol trouxe o calor de outrora
O azul a recordação de agora

Nos espaços em branco do entardecer
Do regaço sereno do acontecer
Me veio uma saudade como algo omissso
E por isso isso
Que é só pra lembrar
De toda a paz do mar.

Rio, 1989.

Copyright

POR LEMBRAR DE TI

Há certa desconfiança em teu olhar
Ainda
E um quê do abstrato em teu calor
Que finda
Te tocar beijar sentir é lindo
Um rio doce de amor infindo
O que me mata é esse medo hostil
De não cair a tempo em um teu ardil
De te perder sem ter me usado em ti
De me sofrer no teu aqui e ali
O não sentir o teu afeto em mim
Me deixa louco a morte no jardim
Como se o mundo já não mais rodasse
E toda a vida em pouco se acabasse
Buscando rápido o teu gemer carente
Sonhando alto co'esse teu corpo ardente
Amar é ter em ti a esperança incerta
De ver fechada a minha porta aberta
Quero sentir teu corpo em meu abraço
E agonizar no afã do teu mormaço
Trancar nas bocas a paixão que corta
Cheirar teu cheiro até te evaporar
E me chover por dentro do teu peito
Gozar teu gozo ainda que sem jeito
Deixar pingar o meu suor em ti
Cantar o mudo afago do carinho em si
Viver assim apaixonado é bom
É como ouvir do paraíso o som
Você chegou e eu lhe vi chegar
Você lutou e não quis se entregar
Tua resistência me anestesia
Sou um desejo que não existia
Se fores minha ainda que metade
Eu serei teu por toda a eternidade.

Rio, 1989.

UMA VONTADE

Me vem uma vontade de pensar em ti
Uma aflição de não te ter aqui
Um faz-de-conta de te ver sorrir
Um pensamento a me colorir.

Que fique em ti minha vontade louca
De te ter toda e no entanto pouca
De te deixar completamente rouca
Ser o teu mundo em um só momento
O amor que cura todo o teu tormento.

Me vem uma vontade de dizer bobagem
Em me calando ser uma barragem
Uma vez transposta uma surpresa encerro
Teus medos todos para sempre enterro.

Te pensa em mim quando das horas vagas
Na chuva o cheiro da terra molhada
Termina o dia em as minhas plagas
Te sente toda cá em mim guardada.

Me vem uma vontade de entrar em ti
Como se o mundo fosse sem razão
Olhar, calar, mexer e terminar
Beijar teu peito com meu coração.

Me vem uma vontade de ficar em ti...

Rio, 1989.

ÀS VEZES

Às vezes sinto tesão
Às vezes uma dor no coração
Por saber que é assim
Por te sentir longe de mim

Sempre espero que aconteça um milagre
Sempre aguardo algum açúcar no vinagre
São os temores que me vêm
São os amores que se vão

Às vezes tenho dor
Às vezes uma sensação de amor
Por a espera que é ruim
Um mal estar que não tem fim

Às vezes sou vilão
Às vezes um eterno bobalhão
Ao atinar com nosso amor
Tão inseguro e amador.

Rio, 1990.

Copyright

TRECHOS DE UM POEMA SEM FIM

Essa tua química me mata
 Essa gosma que nos une me arreata
 É uma coisa pegajosa em meu corpo
 Já não aguento mais
 De querer me enlamear dentro de ti
 Me gozo a tua coxa quando olho no espelho
 Encontro a tua língua quando vejo algo vermelho
 Me tremo na barriga quando penso em teu beijo
 Te ensino a me amar só de pensar no teu desejo
 É uma coisa que não para
 É um sexo inconsciente
 Uma doença que não sara
 És minha musa e sou valente
 E quanto mais penso em te pensar a me engolir
 Mais me admiro do mistério de entrar e não sair
 Meu mundo em ti
 Teu ser em mim
 Nosso segredo nossa sã pornografia
 Um só desejo nossa voraz biografia.

*

Ó deus do céu
 Que não se esgota a inspiração
 Oh carrossel
 Que me circula em emoção
 Aqui um mar a rima um vagabundo ri
 Lá o pé o carro o acorde em mi
 O raciocínio não para
 O pensar dispara
 A agonia é tanta
 Que já larguei a janta
 E se interrompe em mim esse vagar atroz
 Para depois voltar em poetar feroz
 O adorno da rima
 Tonalidade rebuscada
 Quando um verso exato é lido
 Gera em si próprio a saudade
 De per si a obliquidade
 Discreto quê da eternidade.

*

Sou e não sou
Se sou não sei
Venho e já fui
Ao chão tornei

Olho e não vejo
O céu caiu
Entro e não passo
O amor fugiu

Amo e não amo
Sou um porém
Grito e não chamo
Sinto em vida o além.

*

Eu escrevo por catarse
E que se danem os teóricos
Falo a língua das paixões
E dos detalhes melancólicos

Sou poesia em grande escala
Pois o amor é uma antessala
Me sorriso ao iludir
O aluno do existir

Eu escrevo na falência
Do império sem sentido
Sou da vida a incoerência
Meu poema é um latido.

*

Penso na vida
E penso na morte
E ainda estou
Entregue à minha sorte
Sorte que paguei
Sorte que não sei
Sorte que escolhi
Amor que já perdi

Sorte, e o que é a sorte?
Uma eterna busca de respostas
Um andar de frente pelas costas
Vida vã vivendo vai
Viva o vão da vida — uivai!

Ah mundo que não me entende
Sou a própria poesia que não se vende
E não me assusta a pretensão
Pois como eu há um milhão
Os poetas vivem escondidos
Como filhos mal-paridos
A demência é não sentir
A clemência o só dormir.

*

Me basto a mim em mia poesia
Ainda que não lida
Uma coisa que me excita e me conforta
Extravagância retraída

Escrevo em versos meu retrato
Me olho no mundo e canto a mordida
Relato os seres em pedaços
Rimo a chegada com a partida

Estou em você que não me lê
Narro a terna melancolia da saída
Vivo os versos que me existem
E todas as vicissitudes desta vida.

*

Me não posso mais dormir
Que triste constatação
Te não vejo a me sorrir
Ah que enorme assombração

E o Sumaré segue piscando
O mundo se dilacerando
Do meu quarto eu vejo a noite
Que a aragem fresca não me afoite

Mas que vã filosofia
Olhar o mundo a dormir
Me penetra em metafísica a total sabedoria
Me coloca — só — nos altos um eterno consumir
Quando a vida é refletir
Na doçura de uma pena
Que escorre sensual
Alisando o meu papel
O meu tesão é te dizer
Ó mundo que já sonha
A esta hora tão incômoda
Que teu existir é o não-viver
Oh que intuição bisonha
Do meu ser a bomba atômica
Minha máscara supersônica.

*

Engraçado
Tem alguma coisa aqui de errado
Minha vida não é como um cinema
Minha noiva não me fala em poema
Por que não posso trazer pra dentro em mim
A picardia
A valentia?
Por que não arriva em minha vida uma mulher
De voz amena
Sem dar pena?
É incrível
Mas não sou o ser mais livre do universo
Nem sou um só
Pasmem vocês — eu sou diverso!
A coisa aqui não acontece em rapidez
O que na tela é tão normal
Em mim é pura insensatez
Não enriqueço, não apaixono e não destrono
Um sol danado na TV
Em mim outono
Definitivamente
Parasempremente
Irreversivelmente
É engraçado
Tem alguma coisa em mim de errado.

*

Sonhei que o mundo me dizia
Toda a essência em melodia
Sonhei sonhei e sonhei
E sem saber por que
Me acordei.

*

Estou de mal com a sorte
Por tempo indeterminado
Assim interrompo o poema
Disse tudo sem ter mesmo começado.

*

Certo eu sou poeta
E daí?
Escrevo escrevo
E não saio daqui
Falo de mulheres irreais
De paisagens ideais
Sou o isso do aquilo
Penso muito e me horripilo
Perco tempo escrevendo
E daí?
Quando vejo ainda estou sendo.

*

Ainda te gosto
Apesar
Espero teu beijo
Estalar
Amar é pensar que tudo são flores
No deserto
Você me escapa a toda hora
Mas eu estou sempre aqui por perto.

Rio, 1990.

Copyright

O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA

Perdi o grande amor da minha vida
O sonho grande a minha gata tão querida
Pra outro homem isso é claro
Não sei por quê
Também não sei se ele é Vinícius ou Kitaro
Só sei que o meu amor era tão doce
Um vendaval apaixonado
Uma maçã como se fosse
Se volta um dia?
Não sei não
Acho que não
Pensando bem
Tenho certeza
Aliás é evidente
Eles se amam loucamente
Ironia do destino
Um faz-de-conta em desatino
Não adianta analisar tão friamente
O fato é que nunca amei tão claramente
Mas enfim quando um chora o outro ri
Como se diz no bar perdido em Muriqui
Agora vou tocar a vida à frente
Amar os livros, trabalhar que não se sente
O mal-estar o arrepio
O ser dos outros arredio
Tomar um porre vez em quando
Tocar no bar sair cantando
Vou amar muitas mulheres tresloucado
Vou voltar pro meu colchão desesperado
Não sei
Amar tem tudo pra ser o fel da existência
E no entanto
É o que buscamos
Um suicídio frio e vão na incoerência
Só tenho pena de me ver assim sofrendo
Me olho e rio
Deito e choro
É como se houvesse algo ardendo
Falo a você ao mundo a ela
Não sei bem
Em minha fuga acendo a vela
Talvez até sem o saber
Eu fale a mim
Talvez aí esteja a razão
Da dor no rim
Mas eu amei
Ao menos eu tentei

Amar em parte é loucura e desvario
Amar de todo é a margem três do rio
Talvez a uns pareça estúpido o que digo
É bem capaz de verem a mesa no postigo
O amor ao longo desses séculos e séculos
Fez dos amantes os filósofos incrédulos
Perdi o grande amor da minha vida
Me desculpem a frase inteira repetida
Mas é que não me posso ver assim a me sofrer
Queria muito encatarsar uma poesia
Mas os meus versos são um balde de água fria
Saio mais velho uns trinta anos da aventura
Pois nem a escola ensina a amar com tal ternura
Amar, disseram, se aprende só amando
Chegar só chega quando se está chegando
Perdi o grande amor da minha vida
A frase já virou obsessão
Pra outro é claro
E como não assim seria?
Aqui comigo ela não se ficaria
E lá no fundo eu sei que ela não poderia
O meu amor demais nos sufocou
Nossa paixão aos dois envenenou
Procuro agora uma mulher mais comedida
Pra me viver o que me resta desta vida
Pois meus amigos
Me permitam salgar um pouco a ferida
Perdi pra sempre o grande amor da minha vida.

Rio, 1990.

DE IMPROVISO

Foi um homem bom que se matou
O céu está de luto
Foi um filho todo que deixou
Na sua casa um calor puto
No improviso da existência
O improviso da desesperança
Um barulho e nada mais um suplício nas Gerais
Ninguém liga para a morte do indigente
Não se encara o pensar todo de frente
Foi um ser distinto que o diabo levou
O inferno aqui na terra
Foi um mar de desespero que ficou
E o sol lindo cai na serra
Um improviso de poder se descuidar do se viver
O improviso traz no fundo a dor mais terna deste mundo
Em outra parte do planeta
Alguém idolatra uma buceta
Que maldita que terrível sensibilidade
Sentir a dor de outro aferroar o coração
Sentir na carne a eterna contradição
Sem metro sem rima sem abaixo e sem acima
Peito aberto a ruína o facho ambíguo que alumina
Dedentamente um espírito se sai
Quebrando o discurso a palavra que se cai
Despautério desfolhando a frase feita
E que surpresa a poesia suicida não é ainda bem aceita
Foi um verso que acabou
A terra toda treme
Foi uma ideia que vingou
A poesia toda geme
No improviso da invenção improvisando a inspiração
Improviso improvisado de improvisar a emoção
Improviso do diáfano improvisado foi demais
Improvisando pela frente o improviso saiu por trás.

Rio, 1990.

POEMA DO OUTRO LADO DO MURO

O amor é mera coincidência
Do interesse mútuo a confluência
O desespero dos poetas de todos os tempos
Os estudos dos especialistas
O amor não é nada
Se não o desejo de se chegar
Ao que não se sabe identificar
O com que não atina o pensar
Mas aqui vai um aviso
Senhoras e senhores
Não busquem com tanto afinco
O que não conhecem a fundo
Aquele que acha a verdade encontrar
Está na verdade moribundo
O amor como disse é acaso
Acaso que espanta e em verdade vos digo
Sou de deus a semente e do fogo o abrigo
Sou o diabo de perto e a sombra poente
Amar tem um quê de alegre
Uma risada sofrente
Por sobre o palco do universo em chamas
Um deus se insiste em decifrar as tramas
Ah pra que se conquistam
Os bastiões do desejo assoberbado
Ah não sei é a vontade
De dizer um dizer postergado
Se me vem das alturas um espeto
Que me arde nos músculos da mão
E daí eu escrevo em aperto
Agoniado com o dia a raiar de supetão
O trinado de uma aflição pelos outros
O finado opressor dos amantes
Vêm me buscando as notas do dilúvio
Me envolvendo os acordes de um prelúdio
A missão de escrever eu cumpri
A voz da inspiração eu ouvi
Não consigo parar de escrever
Não consigo parar de morrer
Se deixar varo a noite em meu transe
Sem que a verdade um só traço avance
Tento dizer a esse mundo imberbe
Tento fazer retornar o albergue
Choro de dor com a palavra não escrita
Dilacerado pela sensação tão estrita
Me perco nas rimas do cão
O pensar só me dá solidão

Nasci para morrer em tormento gradual
Sinto a vida se esvair com rapidez infernal
Ah que o espírito é forte
Ah que a alegria é consorte
Já não sei bem de que falava
As palavras se embaralham na mente
Estou bêbado de vontade
Do esplendor com saudade
Não sei mais se pedir é perdão
Não me lembro se me chamo João
Um João qualquer como quer o prefeito
Um senão na república como o arfar de um peito
E depois minha mão
O que será de mim
Quando disser o que penso
Sem chegar ao fim?
E depois minha vida?
Estou preocupado
Gastei todo o dinheiro
Pra morrer enjambrado
Que se dane a poesia
Os poetas e tudo
Não me cobrem o final
O prosseguir do ideal
Na interrupção do poema
Meu protesto ao sistema
Sinto queimar dentro de mim
O começo do fim
Leio estampada em meu rosto
A incapacidade de entender o exposto
O acabar sempre traz o infundável
O sofrer se associa ao agradável
Em tudo que faço em tudo que fazes
Como o sonhar em fazer as pazes
Com a vida que prossegue
Como a poesia que se segue
E o calor não sossega
E o dizer mais se apega
Entendam é algo que não sou bem eu
É um falar eterno com algo que não é meu
Vejo a caneta escrevendo
Sinto as palavras dizendo
Já não sei onde foi o começo
Já não sinto nas mil folhas o tropeço
Quanto mais digo mais me sinto perdido
Aconchego pra mim bem juntinho a esperança
De ser eu mesmo um dia a mais sem tardança

E que digam o que disserem
Os visionários do futuro
Eu por mim fico às voltas
Com o outro lado do muro.

Rio, 1990.

Copyright

DESABAFADO

Eu juro
Não pedi o futuro
Eu prometo
Não queimar o soneto
Eu vi
Não fingi, eu senti
Eu sei
Não abri, eu fechei.

Rio, 1990.

Copyright

EU, PECADOR...

Peco porque falo
Porque penso e não me calo
Ouço e não me abalo
O ruído e o estalo
Peco porque bebo
Os azares de um Febo
Deixo em meus ouvíres
Os pesados meus sentires
E se me chegam de bem longe
Estes pedaços de universo
Sob formas de palavras
Nas rimagens de um verso
Peco porque insisto
Em cutucar o nosso aprisco
Rimo porque esqueço
Da verdade o endereço
Peco porque arrisco
O erigir do obelisco
Falo porque nego
O existir no ponto cego.

*

Vinde a mim os manúéis
Os encantos e os tropéis
Mas fiquem aqui junto a meus pés
As linhas negras dos papéis.

Vinde então todos que vêm
Tende então todos que têm
Os que de si não se proveem
E os tolos que não veem.

Rio, 1990.

ORAÇÃO

Peço ao diabo que me ajude
E a deus se for possível
Se não estiver tão ocupado
Entre orações e aprendizado
Peço a vós meus governantes
Peço às almas e aos espíritos
Peço enfim a todos vós
Seres finitos e infinitos
Que acabeis com a fome que destrói
Pois que a vida dói
Imploro ao pai à mãe e aos filhos
Que não pulem no sofá
Que não desperdicem o fubá
Enfim peço a todos que tiverem horas vagas
Que destruam o tormento
Da ação e do pensamento
Peço a mim humildemente
Que prossiga na batalha
Pois o um guerreira à frente
E o outro se agasalha
Desculpem todos que ofendi
Perdoem todos que traí
Minhas desculpas se estendem a vocês
Que me ouviram quando tudo eram porquês
Desculpem o lenço na gaveta
Se não entendi a história da trombeta
Desculpe mim que não tens culpa
De teres a alma tão estulta.

*

Não, não me desculpem
Não preciso de favores
Deixem-me a sós
Só eu mesmo e minhas dores
Quando olho o meu passado
Vejo simplesmente nada
Se pensar em minha alma
Há de tudo menos calma
Com licença, vou cuidar da minha sorte
Em outros termos, vou preparar a minha morte.

Rio, 1990.

POST MORTEM

Crio a poesia intimista
De novo
Passo outra vez em revista
O estorvo
Fico na história outra vez
Com tudo
Sou o porta-voz do futuro
Do mundo
Entrego ao mundo um legado
Singelo
Me dou de todo ao verso
Libelo
A humanidade me perde
Em vida
A posteridade se acende
Sentida.

Se breve tudo acabar
Meu corpo
Não se ayexe, é normal
O tropo
Achei que ia morrer
Um dia
Enquanto o sopro de mim
Saía.

E as teclas do piano
Deslizam suaves
Pelos sons melódiosos
Os dedos trovadoresos
Um poema musical
O inferno sensacional
Viver é ouvir a música
Jamais se acabar
E eu maravilhado
E os dedos a tocar.

Sonhei que era um duende
Entrevado
Pensei que estivesse com o fio
Cortado
Deixei de mim tudo
No pouco
De tanto falar pra mim mesmo
Sou rouco
Sei que as trevas da mente
Me louvam
Corroídas estão as entranhas
Que enlutam
E o piano a tocar
O eu meu a flutuar
Sinto um céu que me deixa
Inerte
E o eu sai de mim
Solerte
Acabei de sentir
Que a morte é ouvir
A música nunca parar
Queria estar sempre letárgico
Flutuar sobre os sons como mágico
Não voltar jamais a respirar.

E a praia me chama e o amor me consome
O dinheiro me acama e o ser me tem fome.

Rio, 1990.

**POEMA MÓRBIDO À TRISTEZA;
POEMA SÓ DA INCERTEZA**

Fui da vida uma canção
De meu teatro o dramalhão
Exercitei habilidades em retrospecto ao eterno
Ao eterno da poesia
Da eterna algaravia
Eu fui romântico eu fui rei
Eu fui um cântico eu sonhei
Tornei a massa a meu favor
E dei-me à caça e ao caçador
Um mais idílio e eu morria
Uma só morte e eu não sofria
Refugiei-me em destrinchar
Os paraísos do altar
O dolorido caminhar
E o vão suplício do acordar
Fui o centro de mim mesmo
O epicentro de meu mal
Corri em várias direções
Para cair no afinal
Amei sofri tive alegrias
Quase queime nas águas frias
Fiz de vocês meu carnaval
Tendo nas rimas o arsenal
Morro tranquilo se morrer
Pois o que mais fiz foi querer
E se não querer o que é o amor?
Se não a fuga o que é a dor?
Aqui termina mais um verso
Aqui começa outro ainda
A vida é o encontro do adverso
Viver pode ser uma coisa linda
Estou contente neste dia estou mais calmo pelo menos
Mas não me prendo ao confortar-me
Pois todo marte tem seu vênus
É bom viver de vez em quando
Abstraído dos problemas
Ouvir a noite que diz tanto
Versar perdido em semantemas
No mais eu não me queixo
Quebrei o ritmo do poema
Mas o que é o ritmo?
O poema o que é?
Por que de carro e não a pé?
E é isso mesmo senhoras e senhores
Há macarrão e também interrogação

O metro o ritmo a rima e o nexo
 (Mais uma vez a rima é o sexo!)
 Pois o que é sexo se não um grande eternizar
 De um poema lido a duas vozes penetradas?
 Não me tentem entender no que digo a estas horas
 São coisas que se ouvem e se deixam dos lados de foras
 Agora volto a metralhar
 Em octassílabos rimar
 Já é de praxe em minha mente já vou pensando tudo pronto
 Sou um ser de voz dolente sou uma orquídea e meio tonto
 Estou feliz porque pensei na minha morte
 Como se tivesse já voltado com escorte
 Estou feliz porque na morte fui vidente
 Estou sozinho e o meu viver está dormente.

O aqui e agora
 O zero e o dois
 O teor metafísico
 Ficou pra depois

O agora e aqui
 O dois e o zero
 A já tísica flor
 Fazem o mundo austero

O pavor metafísico
 Do depois o teor
 As palavras jogadas
 São meu grande favor.

Rio, 1990.

Copyright

THANK GOD

Another innocent died
Again
Justice is a very slow
Train
Men are so foolish
And vain
The air can hardly
Sustain
The cries for freedom
The slain
The velvet is covered
With rain
The mothers complain
Of the pain
The poets thank god
Are not sane.

Rio, 1990.

Copyright

PARA NÃO CALAR
(drama intimista em sete atos e mais alguma coisa)

Prelúdio

O patrão me explora
O dia é curto demais
O dinheiro não rende
E eu não tenho paz
E ainda tenho de calar.

Ato I

Vejo o povo morrendo
Vejo as casas caindo
Vejo a bomba explodindo
Vejo crianças virgens esquecidas
Vejo as promessas vagando incumpridas
Vejo o doente ardendo em febre
E vejo o doutor no carro novo
E ainda tenho de calar.

Ato II

Ouçõ o pobre reclamar inutilmente
Ouço as velhas a chorar sob o sol quente
Ouço a vida descontente
Ouço um rumor de insatisfação no ar
Ouço o grito desesperado do incapacitado
Ouço mais do que pode ser ouvido
E ouço tiros e cegos e surdos e mudos num pavor incontido
E ainda tenho de calar.

Ato III

Cheiro a maldade nos pensamentos alheios
Cheiro a demência nas ruas
Cheiro o mau-caratismo político e social
Cheiro o estelionato religioso das almas salvadoras
Cheiro a concupiscência irrefletida dos poderosos
Cheiro até o que não tem mais cheiro
E cheiro a hipocrisia de quem me sorri
E ainda tenho de calar.

Ato IV

Sinto um mal-estar miserável
Sinto vontades incontroláveis e inatendidas
Sinto meus sonhos se evaporarem no breu
Sinto a mim mesmo na dor de um outro qualquer
Sinto meus medos e dores nos olhares cansados dos espoliados
Sinto a indiferenciação do dia e da noite
E sinto coisas que nem posso contar
Tudo porque tenho de calar.

Ato V

Sei do peão que constrói e constrói
Sei que jamais vai morar lá
Sei que existem os ricos
Sei que existem os mais ricos
Sei que até o crime se perdoa em defesa da honra
Sei que tudo se explica cientificamente
E sei que o pobre não tem vez
E quase não consigo me calar.

Ato VI

Percebo que a dor dos outros não é minha
Percebo até que a minha dor não me pertence
Percebo que um manifesto intimista não convence
Percebo até que ninguém me pode ouvir
Percebo tudo e percebo que é inútil berrar
Percebo até que não mais percebo
E me convenço de que tenho de calar.

Ato VII

Sonhei que era rico e comia caviar
Sonhei que meu irmão não tinha onde morar
Sonhei que sonhava com dias melhores
Sonhei que tudo se entende na fatalidade
Sonhei que os maridos e as mulheres traíam
Sonhei que fingiam, fugiam e se escondiam
E sonhei que tudo era ao contrário do que deveria ser
E ainda dormindo tinha de calar.

Intermezzo

O governo me rouba
A comida me falta
Um tropeço no mundo
É o que somos em última análise
Tenho de cada nada um pouco
Sem nem gritar já estou rouco
Universais são as doenças que grassam
Horizontais os compatriotas que passam.

Finale

E vamos sambar
O gol celebrar
E flores muitas flores
Em cores muitas cores
Que é para não se pensar
Que no fundo temos de calar
Que não há nada a fazer se não calar
Calar
Covardemente calar
Não é possível
E tudo porque não quero, não aguento
Ter de me calar.

Epílogo

A vida corre
Para onde não sei
O ser se corrompe
Mas a canção não acaba.

Rio, 1990.

COTIDIANO

A cidade inteira trepa
Desculpem
A cidade inteira dorme
Afiml é sexta-feira
E
Perdoem
Aqui dentro o tédio é enorme.

A cidade inteira foge
Desculpem
A cidade inteira ama
Afiml a noite é sono
E
Perdoem
O mundo não cabe na cama.

A cidade inteira finge
Desculpem
A cidade inteira é festa
Afiml a vida passa
E
Perdoem
No fundo nada presta.

A cidade inteira assusta
Desculpem
A cidade inteira é linda
Afiml poesia ninguém lê
E
Perdoem
Gozar é tudo ainda.

Rio, 1990.

NÃO SEI

Já estive aqui
Ou pelo menos acho
Não sei se era fêmea
Ou macho.

Já passei por isso
É o que penso
Não sei se cheirava a merda
Ou incenso.

Já a vi certa vez
Ou assim me parece
Não sei se na igreja
Ou na quermesse.

Já fui embora antes
É o que tudo indica
Não sei se disseram vai
Ou se disse fica.

Rio, 1990.

Copyright

QUADROS

Amar foi um sonho natimorto
Que se me implodiu
Irreversivelmente
Na vida.

*

No coração o ódio carrasco
O pensamento já pula o penhasco
De vez em quando a sensação retumbante
De vida e morte — um tenor dissonante.

*

A pobreza aumenta
A riqueza também
Então está tudo certo
Amém.

*

Viram o espírito do nada
Abençoando um ser inexistente
A missa tornou-se um espetáculo
E eu tornei-me um ateu insolente.

*

Lutou muito já em vida
Nas esteiras da inconstância
Abandonou a ilusão medida
E foi-se no ardor da militância.

*

Interrompe-se aqui o julgamento
Pois nada tem a acrescentar
Aguardando o irreal de outro momento
Onde as rimas se não repitam
Onde música as palavras vão criar.

Intermina-se aqui mais um segundo
Que poderia bem não ter acontecido
Viajante pela nave da poesia
O sentido perde a força se ouvido.

Rio, 1990.

ADEUS

Adeus papel
Que me deu tanta alegria
Adeus retrato
De um auto-de-fé em elegia
Te encontro na curva
De uma outra rua-crucis
Já que a via se perdeu no esquecimento
Te vejo um dia em meio a brancas luzes
No aguardo do grande poema-encantamento.

Rio, 1990.

Copyright